

Um histórico da Literatura Portuguesa na FALE / UFMG

Lélia Parreira Duarte (UFMG)

Quero inicialmente agradecer à Profa. Maralice de Souza Neves, e a toda a comissão organizadora deste evento, a oportunidade de participar dessa importante tentativa de recuperação que se faz da história acadêmica da Faculdade de Letras da UFMG.

Minha área é a Literatura Portuguesa, que hoje se integra no conjunto das Literaturas estrangeiras de língua portuguesa, na FALE. Sua história começa com o primeiro docente da área, na época da fundação da FAFICH, em 1941: foi o professor Orozimbo Nonato da Silva, seguido por Wilton Cardoso de Sousa. O Prof. Wilton lecionava também Literatura Brasileira e foi da primeira turma que se formou na Faculdade. Veio depois o português Rodrigues Lapa, que trabalhou nas nossas Letras durante aproximadamente dois anos (1957 a 1959) e foi substituído por Naief Sáfady, após concurso.

Nesse tempo, a Literatura Portuguesa fazia parte do currículo nos três anos do curso de Letras (o quarto ano era de didática). Quando entrei para a Faculdade, em 1965, a Literatura Portuguesa ainda constava, como disciplina obrigatória, dos três anos do curso. O catedrático, Professor Naief Sáfady, viera da Universidade de São Paulo, onde fazia parte do grupo reunido em torno de Fidelino de Figueiredo, o qual incluía António Soares Amora, Segismundo Spina, Cleonice Berardinelli e Massaud Moisés.

Naief Sáfady foi quem introduziu na nossa Faculdade o sistema de seminários, com os quais os alunos melhor se preparavam para ser professores: tinham que analisar os textos em profundidade e participar de exposições e debates que se constituíam como estimulantes desafios (eu que o diga: por dificuldades de horário eu havia abandonado o curso, mas fui assistir a um seminário; o resultado foi que organizei de outra forma a minha vida, de modo a poder continuar na faculdade, de que me tornei efetivamente professora, após concurso, logo depois da formatura, em 1968).

Essa inovação dos seminários tinha o seu respaldo num livrinho publicado em São Paulo, em 1961, por Naief Sáfady – *Introdução à análise de texto*, prefaciado por António Soares Amora. Amora recorda inicialmente a rápida carreira com que Sáfady chegou ao magistério superior, ao Doutorado e à Livre-docência na Universidade de São Paulo e à cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Assis / SP, e também à cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Fafich, da UFMG –, de onde posteriormente se desmembrou a Faculdade de Letras.

Amora, como o chamávamos carinhosamente, fala também, nesse prefácio, das qualidades de Naief Sáfady como crítico e autor de obras didáticas, ressaltando as qualidades do livro despretenso que apresentava, e cujo objetivo seria apenas o de ajudar estudantes de Letras nos primeiros passos de análise e interpretação literária. Mas na realidade, acrescenta o Professor Amora, esse estudo, que era fruto de saber doutrinário e de experiência profissional cheio de responsabilidade, avançava no sentido de superar a

preocupação com a historiografia literária, para focalizar a trama do texto (numa atitude precursora de grandes estudos da atualidade, podemos acrescentar).

Soares Amora (autor, também ele, de uma revolucionária *Teoria da Literatura*), acentuava assim o caráter pioneiro e avançado do livro de Sáfy, o qual superava a tradição dos estudos literários baseados na historiografia e, principalmente, na figura do autor, com a novidade de estudar a trama da composição textual; caminhava assim paralelamente às obras revolucionárias de Roland Barthes, Georges Bataille, Michel Foucault, Umberto Eco e tantos outros que se transformaram nas bíblias de cabeceira de muitos de nossos estudantes.

Podemos acentuar assim a grande contribuição de Naief Sáfy aos estudos feitos em nossa faculdade, pois a sua preocupação era a leitura. “A análise de texto”, explica o Professor, abre sendas que entretanto “só se ampliam e se vitalizam na medida em que o próprio leitor educa seu gosto e sua sensibilidade (...). “A compreensão plena de uma obra depende exclusivamente do leitor” (cf. SÁFY, 3ª. ed., 1968, p. 14).

Nesse livro de 1961 Sáfy parece mesmo ter o pensamento afinado com o de Roland Barthes, cuja “A morte do autor” teve primeira edição em 1963); pois para ambos um texto é feito de múltiplas escrituras, oriundas de várias culturas que entram em diálogo (ou em paródia, ou em contestação) umas com as outras. O leitor será onde se reúne essa multiplicidade, pois a unidade do texto não estaria em sua origem, mas em seu destino, nesse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito. As sucessivas edições desse “despretencioso livrinho”, como lhe chamava o seu autor, mostram a sua importância para os estudiosos/leitores de literatura, pois o livro foi adotado também no ensino médio, trazendo certamente grandes benefícios aos estudantes de literatura, e não só.

A mesma perspectiva de “leitura” marca a tese de doutorado de Naief Sáfy, cujo título é *Folhas caídas – a crítica e a poesia* (1ª. ed. 1960). O volume, publicado pela Livraria Francisco Alves, inclui o texto integral das *Folhas caídas*, de Almeida Garrett, sanando assim uma grande falha então existente nas bibliografias de Literatura Portuguesa.

Atual em muitos aspectos, até hoje, o estudo teve de início o mérito de fazer uma leitura do texto de Garrett em si, desligando-o do escândalo que a sua publicação provocou na sociedade portuguesa da época. Referindo-se à crítica das *Folhas caídas*, Naief Sáfy mostra o seu avanço relativamente à grande maioria dos estudos literários de seu tempo:

As relações entre autor e obra no momento da criação têm, é certo, sua importância – a História Literária verifica-o constantemente. Mas é absurdo procurar, pela obra literária, o debuxo psicológico do homem que a escreveu ou, invertendo, pesquisar nos episódios da vida do homem os elementos presentes na obra. O que se observa, contudo, é que no caso *Folhas caídas* a associação autor-obra é quase uma constante, de que a crítica parece não desejar libertar-se. (SÁFY (2ª. ed.), 1965, p. 25)

Naief Sáfady avisava assim, numa perspectiva avançada que nem todos seguiam, à época – e que o grupo de Literatura Portuguesa da FALE certamente sempre preservou –, que o seu estudo pretendia ler a obra de Garrett em si, sem tomar como parâmetro a biografia de seu autor. Observa ao invés disso a linguagem com que ela se constrói e a riqueza interior que a caracteriza, sem negar entretanto a emoção que impulsiona a construção textual.

Quando iniciei meu curso de Letras, a equipe de Literatura Portuguesa era constituída pelo catedrático Naief Sáfady e seus assistentes Luís Otávio de Sousa Carmo e Maria Lúcia Lepecki. Esta fez seu doutorado e livre-docência na UFMG, com orientação do Sáfady (não havia ainda na FALE nem o Mestrado...) e foi posteriormente estimulada a continuar os estudos e a docência, em Portugal. Como tantos outros, Maria Lúcia Lepecki testemunha o impulso constante que representava para ela o trabalho junto a Naief Sáfady: sempre pronto a ouvir e a dialogar, aconselhava ele a perseguição do desejo, com ânimo forte e sem acomodações. Mesmo quando isso representava para ele o risco de perder uma colaboradora do quilate de Maria Lúcia Lepecki.

Outro grande colaborador, na época, foi Luís Otávio de Sousa Carmo, que se iniciara como monitor de curso e que depois, por interesses familiares, transferiu-se para a Universidade de Brasília, com o pesar, mas também com o beneplácito de Naief Sáfady.

Em 1965, o número de alunos da futura FALE cresceu muito, com a criação do curso de Português, que veio somar-se aos de Letras Clássicas, Neolatinas e Germânicas. A minha turma, por exemplo, tinha mais de 100 alunos (124, creio eu) e Sáfady conseguiu ampliar o grupo de Literatura Portuguesa com quatro monitores – de que logo tive a honra de participar, junto com Sérgio Pena, Carlos Abdala e Juarez Távora de Freitas. E era estimulante ver cada um envolvido em aulas e na pesquisa que o Professor nos propunha, com supervisão constante, na grande sala do prédio da rua Carangola, onde ficava a sua biblioteca, cujo impressionante acervo estava sempre à nossa disposição.

Foi assim que realizamos vários estudos (reproduzidos no antigo mimeógrafo, para distribuição aos alunos): Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Mário de Sá-Carneiro, O teatro, e muitos outros. Sempre a partir de desafios que envolviam muitas leituras (como a obra completa de Eça e de Garrett e a (quase) completa de Camilo), produções de textos e resenhas (lembro-me de ter tido um final de semana para resenhar *A origem da tragédia*, de Nietzsche, texto que fazia parte da bibliografia sobre o teatro).

Nem só os alunos eram, entretanto, estimulados a produzir: com a coordenação do Professor Sáfady realizamos na Faculdade de Letras, em 1970, uma semana de estudos camonianos, para a qual foram convidados catedráticos de Literatura Portuguesa de várias universidades: na oportunidade, ouvimos Hélio Simões sobre “A lírica camoniana e as direções da poesia renascentista”; Cleonice Berardinelli sobre “A dimensão tradicional na poesia lírica camoniana”; Joel Pontes sobre “Camões de cordel”; Wilton Cardoso de Sousa sobre “O cânon da Lírica de Camões”, tendo o próprio Sáfady discorrido sobre “O teatro de Camões”. Quantas leituras e releituras sugeridas aos alunos da faculdade e a toda comunidade universitária, a que se juntavam muitos outros interessados!

Nessa época a Literatura Portuguesa já contava com outros professores: Ítalo Mudado e Juarez Távora de Freitas, a que vieram juntar-se Valmiki Villela Guimarães, o português Artur Anselmo, Lúcia Castello Branco, Maria Esther Maciel e Marcus Vinicius de Freitas, sendo que os dois últimos se transferiram posteriormente para outras áreas de atuação.

Logo depois daquela primeira Semana de Estudos Camonianos realizou-se outro importante evento: o II Encontro de Professores Universitários de Literatura Portuguesa (de 1972, o primeiro fora em Salvador). Comandados por Mestre Sáfydy, distribuímos aos participantes, no dia do início do evento, cópia de todos os trabalhos que lá seriam apresentados. Só quem organizou congressos como esse pode avaliar o trabalho monumental que isso representou, bem como a extraordinária capacidade de Naief Sáfydy na coordenação e dinamização de um grupo; pois naquela época não tínhamos a comunicação rápida que se faz hoje através de computadores, e-mails, impressoras ou xeroxes que mágica e rapidamente reproduzem os textos e facilitam a troca de mensagens e de textos.

Tal foi o sucesso desse evento que, anos depois, a UFMG concordou em sediar novamente encontros de Literatura Portuguesa (o VII, de 1979, e o XVII Encontro (em 1999), numa realização conjunta PUC Minas / UFMG). Uma boa lembrança do memorável evento de 1979 é a da grande quantidade de livros conseguidos por Sáfydy com as editoras, distribuídos após uma sessão plenária aos participantes, que circulavam alegremente em torno de uma grande mesa carregada de publicações, escolhendo uma de cada vez.

Um grande suporte para os estudos de Literatura Portuguesa na FALE foi certamente representado pela criação do Centro de Estudos Portugueses, em 1972. Aquela Semana de Estudos Camonianos de 1970 teve então várias reedições, tendo acontecido também: quatro Semanas de Estudos Portugueses; um simpósio sobre *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, no centenário de sua publicação; duas semanas de estudos sobre Fernando Pessoa; uma sobre Mário de Sá-Carneiro, e três módulos do Ciclo de Estudos Comparados de Literatura Portuguesa e Brasileira, além dos já mencionados Encontros de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa. De modo geral, todas essas atividades – que muitas vezes foram apoiadas pela FAFICH e por professores como Moacyr Laterza, Sônia Viegas e Célio Garcia, e de que participaram sempre convidados do Brasil e de Portugal – foram seguidas de publicações dos trabalhos; de modo que, além de impulsionar e apoiar leituras e pesquisas, o CESP se constituía, o que faz ainda hoje, como um bom exemplo na Faculdade e contribuía bastante para a divulgação dos trabalhos de Literatura Portuguesa, realizados por estudiosos já consagrados e também por iniciantes que se aventuravam nas trilhas desses estudos.

Creio mesmo poder repetir algo que se dizia, na época: o CESP da FALE era um pólo dinamizador de pesquisas (que envolviam toda a Faculdade) e de publicações, a começar pelo seu *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, de início competentemente dirigido pelo Professor Ítalo Mudado. No seu oitavo número, o *Boletim* já se transformara numa revista que, a partir do reconhecimento acadêmico, passou a chamar-se *Revista do Centro de Estudos Portugueses* e está hoje no seu trigésimo ano, com o número 44, de julho/dez. de 2010, sob a competente coordenação da atual diretora do CESP, Professora

Silvana Maria Pessôa de Oliveira. Silvana, juntamente com Paulo Motta Oliveira, fizeram concurso para a Faculdade, quando me aposentei. Ao grupo se juntou posteriormente Maria Zilda Ferreira Cury, já no projeto de Literaturas Estrangeiras de Língua Portuguesa.

O novo projeto pedagógico do curso de Letras, implantado em 2006, definiu como única disciplina obrigatória nomeada Literatura Portuguesa – parte integrante da Formação Complementar em Literatura, na área de Literaturas estrangeiras de Língua Portuguesa – a Introdução à Literatura Portuguesa, que tem a duração de um semestre, com ementa pré-definida. São três turmas de introdução por semestre, e cada professor (são atualmente quatro professoras) pode usar a criatividade para definir o seu programa. Disciplinas optativas também podem ser ministradas: devem focalizar especificamente a Literatura Portuguesa, ou fazer estudos comparados dessa literatura com a Brasileira ou mesmo com outras literaturas.

Nota-se assim grande mudança no currículo da graduação: se no século XX, nas primeiras décadas das Letras, a Literatura Portuguesa ocupava três anos nos programas da FALE, passou depois a dispor de três semestres obrigatórios, assim denominados: Fundamentos da Literatura Portuguesa, Romantismo e Realismo e Simbolismo e Modernismo, com possibilidade ainda de disciplinas optativas. Hoje, como resultado da amplificação do projeto da universidade, a Literatura Portuguesa está resumida a uma disciplina obrigatória, felizmente acompanhada de “Tópicos de Literatura Portuguesa”: trata-se de optativas / possibilidades de os alunos aprofundarem estudos monográficos ou comparados de obras de Camões, de Fernando Pessoa e de tantos outros escritores, do Medievalismo à Contemporaneidade (sabe-se da riqueza representada hoje na literatura universal por obras de autores portugueses contemporâneos). Além de José Saramago, o único Nobel de língua portuguesa, devemos mencionar, entre outros: Augusto Abelaira, Antônio Lobo Antunes, Mário Cláudio, Carlos de Oliveira, José Cardoso Pires, Gonçalo M. Tavares, Agustina Bessa-Luís, Maria Gabriela Llansol, Maria Judite de Carvalho, Teolinda Gersão, Hélia Correia, Lídia Jorge, Teresa Veiga. Importante lembrar também a riqueza da poesia portuguesa de hoje, com os poetas Ruy Belo, Herberto Helder, Manuel de Freitas, Alexandre O’Neill, Eugênio de Andrade, David Mourão-Ferreira (também prosador), Daniel Faria, Sophia de Mello Breyner Andresen, Adília Lopes e tantos outros. Esses tópicos de Literatura Portuguesa podem ter também perspectivas temáticas, já tendo sido ministrados cursos sobre as cantigas medievais, Pessoa, Llansol e Blanchot, “Ficções de enamoramento”, “A casa na ficção portuguesa”, “As cartas na Literatura Portuguesa” e “Agustina e Manoel de Oliveira”, com o entrelaçamento literatura / cinema.

Não existe na FALE a Literatura Portuguesa como disciplina no Programa de Pós-graduação; as disciplinas da graduação tem entretanto despertado vários alunos para trabalhar essa literatura no Mestrado e no Doutorado, seja através de uma perspectiva comparada ou a partir da Teoria da Literatura, com orientação de professores da área ou mesmo de outras áreas. Assim foram feitas, por exemplo, teses sobre Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Antônio Lobo Antunes, Maria Gabriela Llansol, ou o contemporâneo Al Berto. No mesmo sentido, professores da área de Literatura Portuguesa orientam frequentemente monografias, dissertações e teses em perspectiva comparada, ou mesmo em outras literaturas.

Importante mencionar também, nesse sentido, os grupos de pesquisa, geralmente financiados pelo CNPq ou pela FAPEMIG, sobre Literatura Portuguesa, que se formaram na FALE desde 1988: Iniciação Científica e Aperfeiçoamento foram certamente caminhos que levaram à pós-graduação, realizada mesmo nesta Faculdade de Letras ou em outras universidades, como a PUC Minas. Trata-se de uma tradição continuada, pois sabemos que todos os anos o CESP promove, no mês de maio, um encontro de pesquisa, para divulgação e debate dos trabalhos em andamento.

Penso que, assim, dentro dos limites disponíveis de espaço / tempo, a Literatura Portuguesa tem cumprido, na nossa Faculdade de Letras, o seu papel de contribuir para que os alunos adquiram o domínio crítico de um repertório representativo dessa literatura, tornando-se capazes, ainda, de desenvolver por si mesmos investigações que possibilitem o aperfeiçoamento de sua prática pedagógica. Dessa forma, e tomando consciência dos diferentes contextos culturais e interculturais, podem certamente melhor compreender o papel social da escola e gerenciar o próprio desenvolvimento profissional, comprometendo-se, cada vez mais, com os valores inspiradores da sociedade democrática.

Texto apresentado no evento Letras – debate,
realizado na FALE / UFMG em maio de 2011.